

DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL: AS FIGURAÇÕES DO NORDESTE DE GLAUBER ROCHA

Aulus Pessôa da Silva
Mestrando em Humanidades, Culturas e Artes – Afya/Unigranrio.

Anna Paula Soares Lemos
Professora Adjunta PPGHCA Afya Unigranrio (orientadora)

RESUMO

Este estudo analisa as figurações socioculturais do Nordeste brasileiro construídas no filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha, com ênfase nas representações do messianismo religioso, do cangaço, da violência, da seca, da fome, da literatura de cordel e das relações de poder presentes na narrativa. Parte-se do problema de compreender de que maneira referências históricas, sociais, econômicas e culturais do Nordeste são incorporadas à construção narrativa e estética do filme. Trata-se de uma pesquisa original, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de análise documental e audiovisual, articulada à revisão bibliográfica. O corpus principal é constituído pelo filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, examinado em diálogo com estudos históricos, sociológicos e culturais sobre a formação do Nordeste e com a produção bibliográfica dedicada à cinematografia de Glauber Rocha. A análise foi organizada a partir de quatro dimensões: formação social e desigualdade; religiosidade e messianismo; cangaço, violência e resistência; e cultura popular e construção estética do sertão. Os resultados indicam que o Nordeste não é utilizado apenas como espaço geográfico ou cenário, mas como elemento estruturante da narrativa. A seca, a fome, a religiosidade, o messianismo, o cangaço e as manifestações da cultura popular articulam-se aos conflitos dos personagens e produzem uma representação crítica das relações de poder e das desigualdades sociais. Conclui-se que a obra de Glauber Rocha transforma elementos históricos e culturais do sertão em linguagem cinematográfica, produzindo uma representação do Nordeste marcada simultaneamente pela violência, pela opressão, pela resistência e pela busca de transformação social.

Palavras-chave: Cinema brasileiro. Glauber Rocha. Nordeste. Sertão. Cultura.

ABSTRACT

This study analyzes the sociocultural representations of the Brazilian Northeast constructed in Glauber Rocha's film *Black God, White Devil* (*Deus e o Diabo na Terra do Sol*, 1964), with emphasis on representations of religious messianism, *cangaço* (rural banditry), violence, drought, hunger, *literatura de cordel* (Brazilian folk poetry), and the power relations present in the narrative. The study addresses the question of how historical, social, economic, and cultural references to the Northeast are incorporated into the film's narrative and aesthetic construction. This is an original qualitative study conducted through documentary and audiovisual analysis, combined with a literature

review. The main corpus consists of the film *Black God, White Devil*, examined in dialogue with historical, sociological, and cultural studies on the formation of the Northeast, as well as with scholarly literature on Glauber Rocha's cinematography. The analysis was organized around four dimensions: social formation and inequality; religiosity and messianism; *cangaço*, violence, and resistance; and popular culture and the aesthetic construction of the *sertão*. The results indicate that the Northeast is not used merely as a geographical space or setting, but as a structuring element of the narrative. Drought, hunger, religiosity, messianism, *cangaço*, and manifestations of popular culture are articulated with the characters' conflicts, producing a critical representation of power relations and social inequalities. It is concluded that Glauber Rocha's work transforms historical and cultural elements of the *sertão* into cinematic language, producing a representation of the Northeast simultaneously marked by violence, oppression, resistance, and the pursuit of social transformation.

Keywords: Brazilian cinema. Glauber Rocha. Northeast Brazil. *Sertão*. Culture.

1 INTRODUÇÃO

Deus e o Diabo na Terra do Sol, dirigido por Glauber Rocha e lançado em 1964 (7), constitui uma obra central do Cinema Novo brasileiro. A narrativa acompanha Manuel e Rosa em uma trajetória atravessada pela exploração, pela violência, pela religiosidade e pela busca de alternativas diante das condições de vida no sertão. O filme mobiliza referências associadas ao imaginário nordestino, entre elas o messianismo religioso, o *cangaço*, a seca, a fome, a violência e manifestações da cultura popular. O texto de origem identifica esses elementos como constitutivos da narrativa e como formas de representação dos conflitos históricos e sociais do Nordeste. Caetano Veloso em *Verdade Tropical* analisa o filme em um fragmento que será fundamental citar na íntegra porque poderia ser epígrafe deste artigo ao desenhar uma fundamentação teórica que demonstra as múltiplas camadas narrativas possíveis neste filme, inclusive a relação do Cinema Novo com o Tropicalismo na relação Glauber-Caetano:

Glauber liderou prática e teoricamente o movimento do Cinema Novo. [...] O filme emblema é *Deus e o Diabo na Terra do Sol* [...] ousava livremente acima e além da submissão aos esquemas industriais e da reverência ao já estabelecido artisticamente. [...] com evidentes ecos de *Os Sertões*, o grande livro de Euclides da Cunha —, e retomando o imaginário do banditismo rural daquela região — a marca forte de *O cangaceiro* —, Glauber, sem temer a mão às vezes pesada, às vezes canhestra com que exibía ensinamentos estéticos de Eisenstein, Rossellini, Buñuel ou Brecht (mais nouvelle vague e alguns cacoetes no então para nós emergente cinema japonês), e lições ideológicas de marxistas, apresentava um painel exuberante e algo disforme (na Europa como no Brasil, chamou-se, creio que com acerto, "Barroco") das forças épicas embutidas em nossa cultura popular. (8)

Assim, com esse desenho teórico em mente, e com o recorte da cultura popular para esta comunicação, vê-se que a construção cinematográfica desse universo não pode ser dissociada dos processos históricos que constituíram a formação social nordestina. A colonização, a economia açucareira, a exploração do trabalho, as relações de poder e a desigualdade social participaram da constituição de estruturas que permaneceram presentes, sob diferentes formas, na história da região. O trabalho original relaciona esses processos à formação do imaginário social que posteriormente é reelaborado artisticamente no filme. Nesse sentido, o presente estudo parte da seguinte questão: como Glauber Rocha utiliza referências históricas, sociais, econômicas e culturais do Nordeste na construção narrativa e estética de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*?

A investigação considera que o sertão, na obra, ultrapassa a função de cenário. As condições materiais de existência, as relações de poder, a religiosidade, a violência e as formas populares de resistência integram a própria constituição da narrativa. Essa perspectiva permite investigar o filme não apenas como obra artística, mas também como produção cultural capaz de elaborar determinadas representações da experiência social nordestina.

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo geral

Analisar como *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, constrói representações do Nordeste brasileiro a partir da articulação entre elementos históricos, sociais, econômicos e culturais presentes na narrativa cinematográfica.

2.2 Objetivos específicos

- identificar as principais figurações socioculturais do Nordeste presentes no filme;
- analisar a representação do messianismo e da religiosidade;
- examinar as representações do cangaço, da violência e das formas de resistência;
- observar a presença da seca, da fome e das relações de poder na construção narrativa;
- analisar a presença de elementos da cultura popular, especialmente a oralidade e a literatura de cordel;
- relacionar as representações identificadas no filme aos processos históricos e sociais discutidos pela bibliografia selecionada.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa original, de abordagem qualitativa, baseada em análise documental e audiovisual, articulada à revisão bibliográfica. O objeto geral da pesquisa é o filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha. O filme constitui o documento audiovisual a partir do qual são identificadas e analisadas as representações do Nordeste presentes na narrativa.

A análise considera elementos narrativos, personagens, situações dramáticas, referências históricas, manifestações religiosas, relações de poder, representação da violência, condições materiais de existência e elementos da cultura popular presentes na obra. O procedimento consiste no cruzamento desses elementos com a bibliografia selecionada sobre a formação histórica e sociocultural do Nordeste e sobre o cinema de Glauber Rocha.

A pesquisa bibliográfica mobiliza, além do próprio Glauber Rocha e Caetano Veloso, autores presentes no estudo original, entre eles Pierre Bourdieu (1), Nei Lopes (2), Mary Del Priore e Tasso Fragoso Pires (4), Nelson Motta (3), Graça Proença (5) e Ismail Xavier (6). A análise foi organizada em quatro eixos: 1) formação social e desigualdade; 2) religiosidade e messianismo; 3) canção, violência e resistência; e 4) cultura popular e construção estética do sertão.

Esse procedimento permite relacionar a dimensão audiovisual da obra aos processos históricos e culturais que constituem seu universo narrativo, evitando tratar as imagens do Nordeste como representações isoladas ou meramente folclóricas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do filme evidencia que o Nordeste ocupa uma posição central na construção narrativa. O sertão não funciona apenas como local onde os acontecimentos se desenvolvem, mas como espaço atravessado pelas condições sociais, econômicas, políticas e culturais que determinam as experiências dos personagens.

4.1 Formação social, desigualdade e opressão

A representação da desigualdade constitui um dos eixos estruturantes da obra. O universo sertanejo apresentado por Glauber Rocha é marcado pela concentração de poder, pela exploração e pela precariedade das condições de vida. O estudo original relaciona essas condições à formação histórica da região e às relações econômicas e sociais estabelecidas desde o período colonial.

A fome e a seca, nesse contexto, não aparecem simplesmente como características naturais do território. Na construção cinematográfica, elas se relacionam às condições sociais vivenciadas pelos personagens e às relações de poder que organizam aquele espaço.

Essa perspectiva aproxima a obra da chamada “estética da fome”, identificada no estudo como um dos mecanismos pelos quais Glauber Rocha transforma a precariedade social em linguagem cinematográfica. Ismail Xavier é apontado como referência fundamental para compreender essa dimensão da obra.

4.2 Religiosidade e messianismo

A religiosidade constitui outro elemento fundamental da representação do sertão. O estudo identifica a presença de uma tradição messiânica relacionada ao sebastianismo e

às condições sociais de seca, fome e abandono que favoreceram a emergência de lideranças religiosas populares.

No filme, a religião assume uma dimensão ambígua. Ela pode representar esperança e possibilidade de transformação, mas também pode assumir formas de fanatismo e violência.

Essa ambiguidade integra a própria estrutura dialética da obra, que articula sonho e realidade, opressão e libertação, religiosidade e fanatismo, crime e castigo, punição e redenção.

A análise permite compreender, portanto, que o messianismo não constitui apenas um elemento temático, mas participa da construção da trajetória dos personagens e da própria organização dos conflitos narrativos.

4.3 Cangaço, violência e resistência

O cangaço constitui uma das principais referências históricas e culturais incorporadas à obra. A presença dos cangaceiros relaciona-se a um imaginário marcado simultaneamente pela violência, pela vingança, pela resistência e pela contestação das estruturas de poder.

No universo do filme, a violência aparece vinculada às relações sociais existentes no sertão. O estudo original destaca a presença histórica de jagunços, matadores de aluguel e justiceiros, associados a conflitos e disputas locais. A representação do cangaço, portanto, não pode ser compreendida apenas como reprodução de um episódio histórico. Glauber Rocha reorganiza esse repertório cultural em uma narrativa cinematográfica que coloca em tensão diferentes possibilidades de resistência diante da opressão.

4.4 Cultura popular, oralidade e cordel

A cultura popular constitui outro componente importante da construção do sertão glauberiano. O trabalho destaca a literatura de cordel como manifestação capaz de articular oralidade, música, narrativa e representação de acontecimentos históricos e ficcionais.

A presença desses elementos contribui para a construção de uma linguagem cinematográfica que dialoga com formas narrativas populares. A cultura do sertão não aparece, portanto, somente como objeto representado, mas também como referência para a elaboração da própria narrativa.

Esse procedimento contribui para que o filme produza uma representação do Nordeste que combina elementos históricos, míticos, religiosos e culturais.

4.5 O sertão como construção estética

Os resultados indicam, finalmente, que o sertão ocupa uma função estética e política na obra. A representação da fome, da seca, da violência, da religiosidade e da exploração social compõe uma imagem do Nordeste que confronta o espectador com condições de existência marcadas pela desigualdade.

O estudo original, ao dialogar com Ismail Xavier (6), destaca justamente a importância da obra na construção de uma representação do Nordeste que não se limita à caricatura. A chamada estética da fome transforma a precariedade em elemento de uma linguagem cinematográfica crítica. Desse modo, os resultados sugerem que Glauber Rocha constrói o Nordeste a partir da articulação entre território, história, cultura e conflito social. O sertão torna-se, simultaneamente, espaço físico, espaço simbólico e espaço político.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa evidencia que *Deus e o Diabo na Terra do Sol* constrói uma representação do Nordeste na qual os elementos históricos, sociais e culturais participam diretamente da estrutura narrativa. A seca, a fome, a religiosidade, o messianismo, o cangaço, a violência e a cultura popular não são utilizados apenas para caracterizar o espaço sertanejo, mas para construir os conflitos e as trajetórias dos personagens.

Os resultados indicam que o sertão glauberiano deve ser compreendido como uma construção estética vinculada a processos históricos concretos. As relações de poder, as desigualdades sociais e as formas de resistência presentes na narrativa dialogam com questões que ultrapassam o contexto particular do filme. (8) A análise também permite compreender a importância da cultura popular na constituição da representação cinematográfica. A oralidade, o cordel, o imaginário religioso e as narrativas relacionadas ao cangaço são reelaborados por Glauber Rocha e incorporados a uma linguagem cinematográfica marcada pela tensão entre realidade e mito, opressão e resistência. (6)

Conclui-se que *Deus e o Diabo na Terra do Sol* apresenta o Nordeste como território de conflitos históricos, mas também como espaço de produção cultural e de resistência. Ao transformar essas experiências em linguagem cinematográfica, Glauber Rocha produz uma obra que contribui para a reflexão sobre as desigualdades sociais, a formação cultural brasileira e as diferentes formas de representação do Nordeste no cinema.

REFERÊNCIAS

1. Bourdieu P. A distinção e a contribuição para a sociologia da educação: a dinâmica dos campos. São Paulo: [s.n.]; 2002.
2. Lopes N. História e cultura africana e afro-brasileira. São Paulo: Barsa Planeta; 2008.
3. Motta N. A primavera do dragão: a juventude de Glauber Rocha. Rio de Janeiro: Objetiva; 2011.
4. Pires TF, Del Priore M. Engenhos de açúcar: na colônia e no Império. Rio de Janeiro: Fadel; 2012.
5. Proença G. História da arte. 17. ed. São Paulo: Ática; 2011.
6. Xavier I. Sertão Mar: Glauber Rocha e a estética da fome. São Paulo: Cosac Naify; 2007.
7. Rocha G, diretor. Deus e o Diabo na Terra do Sol [filme]. Brasil: Copacabana Filmes; 1964.
8. Veloso C. Verdade tropical. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.